

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

KAMILA DE MELO PEREIRA

**ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE: A VIOLÊNCIA FÍSICA E OS CRIMES
PASSIONAIS CONTRA AS MULHERES NA CIDADE DO RECIFE (1915-1918)**

RECIFE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE: A VIOLÊNCIA FÍSICA E OS CRIMES
PASSIONAIS CONTRA AS MULHERES NA CIDADE DO RECIFE (1915-1918)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Alcileide Cabral do Nascimento.

RECIFE

2019

À minha avó e mãe, Hozana Matoso de Assis,
pois foi ela quem primeiro acreditou que seria
possível. Tudo para você e por você, mainha.

AGRADECIMENTOS

Nunca pensei muito bem em como iria agradecer àqueles que fizeram parte dessa trajetória da minha vida. É difícil pensar a respeito, pois ganhei muitos, perdi outros e alguns foram deixados no meio do caminho. A verdade é que, de certa forma, todas essas pessoas deixaram uma marca em mim nos últimos cinco anos. Marcas das quais eu sou grata, mesmo que elas tenham sido boas ou ruins. De modo que sim, tenho muito a agradecer, especialmente – mas não unicamente – àqueles que continuam comigo.

Em primeiro lugar, agradeço imensamente ao corpo docente da Ruralinda. Professoras e professores maravilhosos e que compartilharam seu saber comigo. Em especial gostaria de agradecer a minha orientadora, a professora Alcileide Cabral, sem a qual eu não sei se estaria aqui. Obrigada por me ouvir, acreditar em mim e no meu trabalho, obrigada também pelos puxões de orelha e aos conselhos dados. Serei eternamente grata por tudo, professora. Inclusive pelo o que ainda está por vir (rá!). Obrigada também à professora Jeannie Menezes que, uma vez enquanto caminhávamos pelo estacionamento do CEGOE, me disse que eu era uma pessoa inteligente (até hoje me sinto honrada com isso!) e me apresentou o trabalho da professora Inocência Galvão quando eu ainda nem sabia o que queria. Meu obrigada à professora Elcia Bandeira pelas conversas e risos e sugestões, prometo que não mais falarei sobre crise da meia-idade antes de ter alcançado a meia-idade. Obrigada também à professora Rozelia, pois apesar de nunca termos compartilhado um momento anterior a este período, a senhora sempre foi atenciosa e prestativa comigo e me ouviu em diversos momentos diferentes.

Sou grata por ter cruzado o caminho das meninas da GRE-Recife Norte. Rosi e Bella vocês acreditaram que esse dia aconteceria. Obrigada por me ouvirem e me incentivarem. Obrigada por toda a atenção e carinho.

Agradeço também as minhas amigas de infância, Lycia, Fofa, Tamirys e Gigi, pois elas foram de extrema importância para mim em diversos momentos. Apesar das minhas falhas, vocês sempre estiveram ali para mim. Ora para me ouvir, ora para me repreender. Amizade é isso e eu não mudaria o que temos por nada.

Por falar em amizade, gostaria de agradecer à Anna Carina Sobral de Brito, mais conhecida como Nacarina/omma. O que seria de mim sem tu? Um acaso do destino

chamado Orkut nos uniu em 2008 e estamos aqui desde então. Sinto muito pelo pequeno desencontro em 2014, não fui justa. Obrigada por surgir na minha vida e ter continuado nela. Obrigada também à Carolina da Costa Reis, vulgo Keroulinda. Em 2009 nos conhecemos e nesses dez anos nos encontramos várias vezes. Você sempre foi mais inteligente e perspicaz do que eu. Foi uma verdadeira honra ter tido a oportunidade de ter conhecido e, apesar dos pesares, o sentimento é o mesmo. Obrigada à (Karla) Mariana Araújo. Sem você eu estaria perdida! Obrigada por todos esses anos e esses últimos meses! Você tem sido essencial para tudo. Obrigada por tudo! Obrigada à Ana Claudia Mello. Sou uma pessoa ausente, mas sempre penso em você. Marília Pereira também. Obrigada por ter feito parte da minha vida.

Também não teria chegado até aqui sem o apoio de algumas pessoas. Sou extremamente grata à Rosana Soares. Sem o apoio dessa mulher eu teria desistido faz tempo. Apesar de todos os estresses que você me deu (nem tente negar!), eu te amo. Obrigada à João Lucas! Não posso esquecer do quão importante sua presença foi pra mim. Sem você eu não teria nem conseguido nem mesmo rascunhar esse trabalho. Obrigada por ter me ajudado e me ligado e me ouvido chorar como uma condenada. Obrigada à Lucas Silva (eu te disse que seu nome apareceria). Implico só com quem gosto, logo tire suas conclusões... Obrigada pelas conversas de madrugada que geraram ótimas teorias da conspiração (nem tão conspiração assim, se formos justos). Não poderia esquecer do meu amigo Breno Caíque. Obrigada pelo apoio e por ter me ouvido durante esses anos. Grata também pelos amigos que fiz no CFC e os do Sagrado, sinto falta da rotina e de ter vocês por perto.

Obrigada, especialmente, a minha amiga Nataly Cristine Castro Spíndola. Eu não sei o que faria sem você. Nos últimos cinco anos fomos inseparáveis, como unha e carne. Eu sei que não sou boa em demonstrar nada, mas eu sou IMENSAMENTE grata por você existir em minha vida. Obrigada por acreditar em mim quando eu não o fazia. Sei que a vida parece ser cruel conosco, mas acredito que dias melhores virão. No futuro estaremos rindo disso tudo, você vai ver. Te amo.

Nesse ponto, gostaria de agradecer as mulheres da minha família. Mulheres fortes e de gênios difíceis que, mesmo com todas as mazelas que o destino colocou em seus caminhos, continuaram de pé. Sólidas como rochas. À Tia Suza, Tia Mônica e Marcela. Apesar das implicâncias e divergências, sei que vocês acreditaram em mim e me apoiaram

sempre que possível a seguir em frente. Também sou grata às minhas primas Larissa, Didi e Sophia. Elas foram fundamentais para o meu crescimento em momentos diferentes. Me ensinaram a paciência, cumplicidade e amor. Não posso, de modo algum esquecer de Val! Obrigada por tudo e por me apoiar sempre! Sem o seu apoio eu também não estaria aqui.

Também sou grata aos homens da minha família. Em primeiro lugar aos meus irmãos, Mudis e Gui. Pode não parecer, mas amo os dois incondicionalmente! Aos meus tios Marcos, Toni, Marcilio, Carlos, Domingos, Antonio e Fernando (te chamei de tio, Amaro, sintase honrado!). Todos vocês cuidaram de mim durante toda a minha vida, acreditaram em mim e me ajudaram de todas as formas possíveis e inimagináveis. Meus primos Diego, Enzo, João Victor e Davi. Obrigada por existirem. Meu avô Jaldemar Tavares de Melo também foi importante nessa trajetória. Apesar de estar sendo difícil, sei que sua presença foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha mãe, Marta Assis de Melo. Lembro como se fosse hoje o dia em que você me ligou para dizer que estava muito feliz com a minha aprovação no vestibular, isso ainda em 2010, quando minha vida acadêmica começou. Ainda é muito difícil, mas acredito que um dia tudo vá se resolver. Obrigada também as minhas irmãs Gabi, Isis e Aline. As circunstâncias nos afastaram durante todos esses anos, mas creio que dias melhores virão.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a existência de dona Hozana Matoso de Assis, minha avó e *mãe*. Você é o meu alicerce, sempre foi e sempre será. Sem você eu jamais teria conseguido. Você me incentivou, acreditou e insistiu. Dizer que sou grata seria pouco. Dizer que te amo também. Você é a razão para que tudo isso fosse possível. A vida nunca foi fácil e te colocou uma série de empecilhos no caminho. Esse título é muito mais seu do que meu. Todos esses anos foram por você e para você. Obrigada por continuar existindo e resistindo. Eu te amo.

“Tentam nos confundir. Distorcem tudo o que eu sei. Século 21 e ainda querem nos limitar com novas leis”. – 100% Feminista, Mc Carol feat. Karol Conka.

Até que a morte os separe: a violência física e os crimes passionais contra mulheres na cidade do Recife (1915-1918)

Kamila de Melo Pereira¹

Alcileide Cabral do Nascimento²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a violência física e os crimes passionais cometidos contra às mulheres na cidade do Recife nos anos iniciais do século XX por meio dos periódicos da época. Portanto, a pesquisa consiste em uma análise acerca do modo que as notícias vinculadas à temática eram tratadas e, além disso, é examinado como a produção do discurso jornalístico usava seu poder de difusão de informação para realizar denúncias a respeito dos padrões comportamentais que já não mais se encaixavam na cidade que estava se modernizando.

Palavras-chaves: Violência contra mulher; Crimes passionais; Recife.

ABSTRACT

The present article aims to analyze the physical violence and crimes of passion committed against women in the city of Recife in the early years of the twentieth century through periodicals. Therefore, the research consists of an analysis about the way the news related to the subject was treated and, in addition, it is examined how the journalistic discourse dealt with such actions while it used its power of diffusion of information to make denunciations regarding behavioral patterns that no longer fit into the modernizing city.

Keywords: Violence against woman; Passional crimes; Recife.

Um passado tão presente: as contradições de uma cidade que queria ser moderna

Os atuais índices de violência registraram aumento em relação a taxa de assassinatos de mulheres no país ao curso dos anos 2007 e 2017³. Atualmente os temas

¹ Licencianda em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco;
E-mail: kamilampereira@hotmail.com.

² Professora Associada III, Universidade Federal Rural de Pernambuco;
E-mail: alcileide.cabral@gmail.com

³ De acordo com os dados recentes publicados pelo IPEA, a taxa de violência contra mulheres aumentou para 20,7% entre 2007 e 2017, sendo o aumento de 3,9 para 4,7 para um grupo de 100 mil habitantes. BRASIL, *Atlas da Violência 2019*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: 2019, p. 35.

relacionados à violência contra mulher e feminicídio ganharam espaço no debate público da sociedade brasileira, assim como políticas públicas consistentes para redução deste problema. Em relação ao estado de Pernambuco, o Protocolo de Feminicídio de 2018 nos apresenta dados em relação ao período de 2003 a 2013, onde o estado obteve uma diminuição de 15,6% na taxa de homicídios de mulheres⁴. Todavia, nem sempre foi possível realizar estatística tão precisa ou definir o que era violência contra mulher, pois não há qualquer tipo de pesquisa detalhada sobre o assunto em Recife e, além disso, no início do século XX notícias que tratavam a temática eram ofuscadas por manchetes, artigos e colunas voltadas para a modernidade que ia tomando conta da cidade.

As duas primeiras décadas do século XX conviveram com experiências de modernização importantes, sintonizadas com as mudanças que ocorriam com a expansão das práticas capitalistas. O Recife não ficou ausente dessas mudanças⁵. Pelo contrário. O frenesi causado pelos ares da modernidade tomou conta da cidade, no entanto,

Recife continuava a ter seus ares provincianos. Vida quieta, burgo que todos se conheciam, em que se falava do tipo estranho a viajar de bonde ou passar pela rua do Crespo, conversas nas calçadas... Almoço às 9, jantar às 4, ceia às 8 ou 9, para dormir-se depois⁶.

De modo que, apesar de a cidade estar entrando na modernidade, ela ainda carrega em si costumes e traços de épocas passadas. Portanto, era necessário mudar não apenas a sua estrutura física, era necessário mudar também os hábitos. Para que isto ocorresse, precisava alterar não somente os modos de produção, mas principalmente as formas de se fabricarem sujeitos⁷. E é neste momento que teremos toda uma política higienizadora e disciplinadora dos corpos, onde os bons costumes e a moral seriam extremamente importantes para que fossem alcançados os objetivos do governo⁸. A medicina e a jurisdição trabalharam em conjunto para criar uma sociedade mais civilizada, pois as condições de vida precárias ameaçavam o crescimento das cidades modernas⁹. As práticas

⁴ PERNAMBUCO. *Protocolo de Feminicídio de Pernambuco*. Diretrizes estaduais para prevenir, investigar, processar e julgar as mortes violentas de mulheres com perspectiva de gênero. Secretaria da Mulher de Pernambuco, Recife, 2018, p. 13.

⁵ REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Fundação de Cultura da Cidade do Recife – FCCR, 2005. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/historia/>> Acesso em: 06 jun. 2019.

⁶ Id. *Desencantos Modernos: História da Cidade do Recife na Década de XX*. 1ª ed. Recife: FUNDARPE, 1997, p.31.

⁷ ALBUQUERQUE, Durval Muniz Júnior. *Nordestino: invenção do “falo”*. Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p.31.

⁸ GALVÃO NETA, Inocência da Silva. Fragmentos da condição feminina e a lógica jurídica no início da república: Recife (1920-1940), *Cadernos do Tempo Presente*, n. 22. dez.2015/jan.2016, p.46-56.

⁹ REZENDE, *op. cit.*, 1997, p.44.

adotadas em Recife não diferem ao todo daquelas adotadas na capital do país, à época a cidade do Rio de Janeiro. Aqui falava-se em eliminar as feições coloniais e tropicais e as palavras de ordem eram “urbanizar, civilizar e modernizar”¹⁰.

Mas a modernidade não seduziu a todos. Na capital de Pernambuco, a força da tradição e das dificuldades econômicas impedem que a modernidade tivesse a excitação e a velocidade das capitais europeias¹¹. Nesse panorama, onde tradição e modernidade disputavam espaços, os novos hábitos foram massivamente difundidos por uma imprensa ativa e polêmica que acompanhava a movimentação social e cultural¹² da cidade. Era na imprensa que se propagava o comportamento exigido pela nova ordem social, especialmente às mulheres, pois cabia a estas o papel fundamental de preservar a instituição familiar. Tal instituição se espelhava no modelo burguês de família patriarcal, onde era imprescindível que a mulher fosse instruída para exercer a função de mãe e educadora dentro de um mundo em transformação¹³.

E os periódicos cumpriam com essa função. Em suas páginas eram vinculados os modelos de comportamento a serem seguidos pela família¹⁴ e, especialmente, pelas mulheres. Colunas reservadas ao universo feminino ganhavam destaque dentro dos jornais. Elas davam orientações sobre higiene pessoal, beleza e educação para mulheres.

A mulher deve ser bella, deve ter graça e encantos. Nem todas podem ser lindas que a formosura não ficou em dote a todas as filhas de Eva: mas todas podem ser bellas. (...) Tua filha é formosa? Tanto melhor para ella. Com virtude, *instrucção* e formosura, ha de ser feliz em todo estado. Foi escassa ou madrasta a natureza? – Não creias infeliz por isso: em tua mão não está fazel-a formosa. – bella sim. A *educação* embrandece pelles duras, amacia mãos ásperas, dá graça e doçura a olhos de pouca luz, faz interessante a face pálida e affavais os labios descorados; põe bondade de coração na fronte que não é alva (...) Tua filha ha de ser bella, consola-te mãe angustiada; *cuida de sua educação e vêl-a-as adorada, feliz e preferida a muita formosura*¹⁵.

Além das notícias mostrarem preocupação com a aparência – pois as normas de higienização requeriam um aspecto limpo não apenas da cidade, mas também de seus

¹⁰ REZENDE, *op. cit.*, 2005.

¹¹ REZENDE, *op. cit.*, 1997, p.58.

¹² *Ibid.*, p.90.

¹³ ALBUQUERQUE, *op. cit.*, 2013, p. 37.

¹⁴ GALVÃO NETA, Inocência da Silva. *Moças honradas, senhoras virtuosas e mulheres airadas: registros de violência nas relações de gênero na imprensa e nos documentos judiciais nas décadas de 1920 e 1930*. 230f. Tese de Doutorado – História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013, p. 16.

¹⁵ Optamos por manter a grafia original das notícias na hora da transcrição do texto. JORNAL PEQUENO, *Vida Feminina. Como se deve educar a mulher*. 15 mar. 1916, p. 1. Grifo nosso.

transeuntes –, a preocupação com a instrução e educação das moças era uma constante, pois as novidades encontradas na modernidade podiam se tornar um perigo para as funções maternas e à moral feminina¹⁶. Contudo, os mesmos jornais que dedicavam espaços em suas páginas para que novos hábitos fossem adotados também traziam informações sobre brigas, espancamentos, assassinatos e os diversos tipos de violência que aconteciam cotidianamente¹⁷:

Maria Francisca de Araujo, inquelina do predio n. 53, á rua da Guia, bairro do Recife, foi ferida hontem, pela manhã, em sua residencia, pelo individuo Innocencio de tal, foguista do paquete Rio de Janeiro. O criminoso, que fugiu logo após á perpetração do delicto, feriu a referida mulher a cacete, no craneo e na mão esquerda. Innocencio havia sido abandonado por Maria, e, hontem, chegando a esta cidade, foi procural-a, havendo ligeira altercação que terminou com aquela scena de sangue. A victima, que recebeu os socorros medicos urgentes da *Assistencia Publica*, foi recolhida ao Hospital Pedro II, onde baixou á enfermaria de *Santa Martha*¹⁸.

O caso de Maria Francisca é apenas um dos muitos presentes nos jornais da cidade. O caso, porém, passaria despercebido na folha de notícias do Jornal Pequeno, pois a nota a ele atribuída encontra-se recolhida ao final da página, à margem esquerda da folha, sem ao menos um título. Entretanto, não era incomum a pouca relevância dada a casos como o de Maria Francisca, pois como foi visto, eram outras notícias que mereciam destaque. Sem contar que no período analisado, o curso da Primeira Guerra Mundial ganhava destaque nos jornais. Mesmo assim, diariamente eram publicadas notícias sobre assassinatos e espancamentos relacionados ao sexo feminino.

Essas mesmas notícias apresentavam um problema ainda recorrente na cidade e acabavam por contribuir para um tipo de “naturalização” da violência contra as mulheres. Uma vez que era dada uma maior visibilidade social as mesmas, fora do espaço doméstico, é possível ver o desagrado dos homens a ordem patriarcal ameaçada¹⁹. Era preciso manter as mulheres em espaços cultural e socialmente construídos para elas, nem que para isso tivessem que usar a força.

Agentes e causas: quem agredia e por que agredia?

¹⁶ CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000, p. 37

¹⁷ GALVÃO NETA, *op. cit.*, 2013, p. 16.

¹⁸ JORNAL PEQUENO, 15 mar. 1916, p. 1.

¹⁹ ALBUQUERQUE, *op. cit.*, 2013, p. 39.

Innocencio agrediu Maria Francisca por ter sido abandonado por ela, após isso fugiu e a notícia termina com a vítima sendo levada para a Assistência Pública. Essa pequena nota é apenas uma dentro de tantas outras que relatam casos semelhantes. Os autores são pessoas muito próximas, como familiares, companheiros, ex-companheiros, namorados e amásios, mas isso não significa que pessoas não próximas não praticassem atos violentos contra as mulheres. Não se exclui, no entanto, o fato de que as mulheres também eram causadoras de atritos pois, como assinala Soihet, as mulheres não se constituem apenas em um objeto de dominação (...), seu exercício de poder se sobressai, em geral, com outras mulheres, homens e, principalmente, com crianças²⁰. Entretanto, nosso trabalho analisa apenas os casos nos quais os infratores são homens e suas motivações para as agressões cometidas contra as mulheres.

Logo, por que as mulheres eram espancadas? E por que apenas as mulheres pobres apareciam nas notícias relacionadas ao tema? Durante o processo de análise das fontes, nas matérias relacionadas à agressão contra mulheres a localização é um fator de relevância quanto ao crime cometido. No centro da cidade do Recife muitas das brigas foram consideradas fúteis, pois geralmente eram ocasionadas por forte discussão. Não fica claro, no entanto, se os agressores se encontram embriagados. Por serem notícias muito curtas, pouco se fala do agressor. Relata-se a agressão, o dano causado à vítima, mas quase nada é dito em relação ao agressor.

Na rua do Fogo u'a mulher é espancada por um comerciante

Por questões sem importancia, a meretriz Maria Esmeraldina Gonçalves, residente na rua das Laranjeiras n. 45, foi hontem, ás 20 horas espancada. A citada mulher foi transportada para o posto policial de Santo Antonio, onde depois de ser medicada pela Assistencia Publica apresentou queixa ao subdelegado local. Disse ella ter sido espancada por um commerciante estabelecido á travessa de S. Pedro. No momento em que ali estivemos vimos a citada mulher deitar bastante sangue pelo nariz²¹.

Muitos desses casos acabavam sendo vistos como “justos” sob a ótica de que a pessoa agredida, neste caso a mulher, era inferior ao agressor. O fato de Maria Esmeraldina ser uma meretriz a colocava numa posição ainda mais inferior, pois a prostituta representava uma contaminação física e moral para o equilíbrio da sociedade e

²⁰ SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência*. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920). 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p.10.

²¹ JORNAL DO RECIFE, 29 mai. 1917, p. 1.

para moralidade das famílias²² e, desde o Período Imperial sua imagem esteve associada à vadiagem, mendicância e alcoolismo²³. Sendo assim, matérias que se referem à mulher que apanhou “sem motivo justificado” estão intimamente ligadas à noção do justo²⁴. Uma vez que a jurisdição da época trabalhou em cima do fato de que a mulher era um ser juridicamente incapaz, onde seu dever era o do bom comportamento e o da subserviência, as que praticavam o meretrício se tornavam um problema a ser exorcizado.

Outra questão a ser levantada é a dificuldade em encontrar casos relacionados às mulheres da elite e da classe média ao da violência física estampando folhas de jornais. A impressão que fica é que a violência é algo inerente apenas às camadas populares da sociedade. No entanto, no seio das camadas abastadas, formava-se uma cumplicidade dos membros familiares onde se estabelecia um sigilo em torno dos fatos. O nome da família não podia ser maculado²⁵. Sendo assim, apenas casos de violência extrema recebiam uma atenção especial.

Muitos dos casos analisados, porém, apresentam o ciúme como denominador comum para as causas que envolvem a violência física. Diversas notas e notícias trazem a palavra em seu título, mas não fica claro no corpo do texto se esta foi realmente a razão para agressão.

Por questões de ciúmes

Hontem á noite, na Estrada do Rosarinho, districto policial dos Afflictos, o popular José Francisco dos Santos, depois de discutir fortemente com a sua esposa, Joanna da Conceição, serviu-se de um punhal, ferindo-a no braço esquerdo. O delinquente, após a pratica do delicto, evadiu-se. A victima recebeu curativos da "Assistencia Publica". A policia tomou conhecimento do acto²⁶.

O título dado ao delito ocorrido no Rosarinho chama atenção do leitor, no entanto, o conteúdo não justifica a legenda. O fato é que era necessário despertar o interesse do público leitor quanto às ações praticadas²⁷. Para isso, muitos redatores requeriam o floreio das notícias para torná-las mais atrativas:

²² RAGO, Luiza Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 1990. 2v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, p. 50.

²³ ENGEL, Magali Gouveia. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004, p. 30.

²⁴ GALVÃO NETA, *op. cit.*, 2016, p. 48.

²⁵ SAFFIOTI, Heleith. *Gênero patriarcado violência*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015, pg. 27.

²⁶ JORNAL PEQUENO, 03 mai. 1917, p. 3.

²⁷ GALVÃO NETA, *op. cit.*, 2013, p. 27.

Victima de ciúmes

Umbalina Maria da Conceição, residente no becco da Boia, districto do Recife, vivia maritalmente, de ha muito, com o catraeiro Severino José de Santa'Anna, conhecido por "Pretinho". Ultimamente porém achavam se os dois amantes inimizador. Hontem, ás 4 horas da tarde, "Pretinho" procurou a sua ex companheira, na residencia desta, e, depois de uma alteração, investiu contra a mesma, produzindo-lhe um ferimento grave, á faca de ponta na região escapular esquerda. Pessoas da visinça, ao ter conhecimento desse facto, deram alarme, avisando a policia do districto, que compareceu no local. A essa hora, porém, já o criminoso se havia foragido²⁸.

Fica perceptível que em ambos os casos o agressor é uma pessoa muito próxima à vítima. O título das chamadas nos dois casos implica que a motivação foi o ciúme do companheiro, mas observando as causas, é visto que tais ações foram cometidas por forte discussão, sem estar claro se o agressor se encontrava embriagado. Apesar dos ricos detalhes encontrados na matéria, o redator apurava as notícias para detalhar o motivo da briga, da agressão, da perpetração do ato. Contudo, havia certo tipo de informação que não necessitava de tanta ornamentação²⁹.

Os casos de violência física realizados por policiais era algo que gerava repúdio em muitas manchetes. A violência utilizada contra mulheres praticadas por agentes de segurança pública era fortemente criticada pelos jornais. O tom de desprezo e denúncia era um artifício utilizado no texto publicado.

Espancamento

Pela manhã de hontem a policia do districto do Recife effectuou a prisão de uma mulher de côr preta, sem que para isso houvesse um motivo justificavel. Transportada para a subdelegacia local, foi ahi impiedosamente espancada por varios policiaes. Para o caso, que julgamos de gravidade chamamos a atenção do sr. desembargador chefe de policia³⁰.

Com a reestruturação do Bairro do Recife vieram também muitas ações violentas para adequar as ruas às “pessoas de bem” e atender os novos anseios políticos³¹. É nessa época que vemos a consolidação das forças policiais urbanas³², pois apesar da falta de informação precisa quanto ao local e nome da vítima, sua cor deixa registrado o que os

²⁸ JORNAL PEQUENO, 04 jan. 1918, p. 2.

²⁹ GALVÃO NETA, op. cit., 2013, p. 27.

³⁰ JORNAL DO RECIFE, 06 mar. 1918, p. 1.

³¹ GALVÃO NETA, op. cit., 2013, p. 37.

³² SOUZA, Sandra Izabele de. *Namoros indecentes: relações de gênero e as histórias de sedução na cidade do Recife (1890-1914)*. 2016. 150 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, p. 37.

agentes de manutenção da ordem tentavam reprimir: a possível desordem causada por aquelas que não se encaixavam no padrão burguês normativo. Nesse contexto, as mulheres das camadas mais pobres não eram bem-vindas às ruas, pois considera-se, ainda, o fato de que a população pobre era composta mais pessoas pretas e pardas do que brancas³³. Portanto, a presença dessas mulheres nas vias centrais era sinônimo de desordem³⁴. Sendo assim, o abuso da força física utilizada pelos policiais tinha função política, já que era necessário vigiar, coibir e assinalar lugares consentidos e interditados para a circulação de mulheres³⁵. Especialmente as negras. O caso apresentado não se configura como único, durante os anos de 1915 a 1918, outras notícias de repressão policial contra mulheres negras foram relatadas nas páginas dos jornais. E apesar de o aparato policial ser mais repressivo com as camadas pobres, seria um erro vincular a ação divulgada pelo Jornal do Recife em 1918 como um ato puramente racista. Pois no período analisado, imperava na consciência coletiva que a figura do negro estava profundamente ligada ao ócio, a violência e a permissividade sexual³⁶. Tudo que estava sendo combatido no projeto de modernização e civilização da cidade no período da Primeira República.

A agressividade vista nesses homens remete à tradição patriarcal na qual a força física é utilizada para a proteção da manutenção dos privilégios. Mesmo que essa honra masculina estivesse atrelada também à fidelidade sexual feminina³⁷, era necessário conter aquelas que não se encaixavam no arquétipo criado, pois os papéis de gênero eram claros: a mulher era responsável pelas atividades do lar³⁸. Nesse sentido, aquelas que transitavam livremente pela urbe não eram vistas com bons olhos pelas camadas urbanas. De modo que a violência até aqui vista está conectada diretamente ao conceito de poder que encontramos em Bobbio³⁹, onde vai se configurar como direta ou indireta. Sendo a violência direta aquela que atinge de modo instantâneo o corpo de quem sofre. Já no segundo caso é quando, de alguma forma quem a pratica altera o ambiente da vítima⁴⁰. Em relação às mulheres dos anos iniciais do século XX, a violência reportada nos jornais

³³ *Ibid.*, p. 40-41.

³⁴ GALVÃO NETA, *op. cit.*, 2016, p. 50.

³⁵ NASCIMENTO, Alcileide Cabral do; LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. Liberdade, Transgressão e Trabalho: O cotidiano das mulheres na cidade do Recife (1870-1914), *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia – MG, n. 1, v. 25. jan/jun. 2012, p. 96-120.

³⁶ FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 55.

³⁷ CAULFIELD, *op. cit.*, p. 85.

³⁸ SOUZA, *op. cit.*, p. 43.

³⁹ Apud GALVÃO NETA, *op. cit.*, 2013, p. 108.

⁴⁰ *Id.*, *loc. cit.*

se configura no modo direto, pois as mulheres aqui retratadas não iam de encontro ao padrão vigente da época. Pelo contrário,

(...) as *mulheres populares*, em grande parte, não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino: submissão, recato, delicadeza, fragilidade. Eram mulheres que trabalhavam e muito, em sua maioria não eram formalmente casadas, brigavam na rua, pronunciavam palavrões, fugindo, em grande escala, aos estereótipos atribuídos ao *sexo frágil*⁴¹.

É visto que os espancamentos de mulheres ocorriam devido a um conflito. A violência surgia, muitas vezes, da incapacidade do homem em exercer poder irrestrito sobre a mulher⁴². Outra questão a ser levantada é que a violência funcionava como uma maneira de assegurar a permanência de uma hierarquia nas relações entre homem e mulher⁴³. Usar de violência física contra as mulheres era uma maneira de corrigir e educar⁴⁴. Em alguns casos, no entanto, bater não era o suficiente.

Não as matem: os crimes passionais e a repercussão na imprensa

Em 1915 Lima Barreto fazia uma denúncia em relação aos assassinos de mulheres. Em sua crônica para o Correio da Noite, o autor acusa os causadores de crimes passionais de não entenderem o que é a vontade dos outros.

Todas as considerações que se possam fazer, tendentes a convencer os homens de que *elles não têm sobre as mulheres dominio* outro que não aquelle que venha da affeição, não devem ser desprezadas. Esse obsoleto dominio á valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação⁴⁵.

Apesar de a crônica acusar abertamente assassinos de mulheres que tem uma ligação direta com a vítima, ela faz uma ressalva para um problema persistente no início da Primeira República. Os crimes passionais passaram a ser considerados uma ameaça à sociedade como um todo por simbolizarem a desagregação da família, instituição vista como o cimento necessário para proporcionar a estabilidade e a continuidade neste período de transformações rápidas⁴⁶. Em Recife, casos de crimes passionais estavam sempre presentes nos jornais que circulavam na cidade. Chama atenção, no entanto, o fato

⁴¹ SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary. (org). *História das mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 307-308.

⁴² *Ibid.*, p. 310.

⁴³ GALVÃO NETA, *op. cit.*, 2013, p. 112.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 113.

⁴⁵ CORREIO DA NOITE, Rio de Janeiro. *Não as matem!*, 27 jan. 1915, p. 2. Grifo nosso.

⁴⁶ BESSE, Susan K. Crimes passionais: a campanha contra os assassinatos de mulheres no Brasil: 1910-1940. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, ago/set. 1989, p. 181-197.

de que no período pesquisado os crimes passionais sejam tratados apenas como atos cometidos pelas camadas populares da sociedade recifense e serem isolados nas periferias da cidade.

Os distritos de Santo Amaro, Afogados e Campo Grande são grandes destaques para esse tipo de notícia. Por se tratarem de porta-vozes da população geral, ficava evidente a preocupação que os jornais tinham em abordar certos comportamentos na cidade⁴⁷, especialmente quando se tratava dos crimes passionais. As tragédias chamavam a atenção de quem lia devido aos seus títulos dramáticos e a riqueza dos detalhes, tornando possível ao leitor a visualização do crime ocorrido. A exemplo disto, um caso ocorrido no distrito de Campo Grande dispõe de artifícios jornalísticos para prender a atenção do leitor:

Pela manhã de hoje é encontrada assassinada uma mulher do povo

Descoberta do crime

No Salgadinho, districto de Campo Grande, residia de algum tempo a esta parte o individuo João Sant'Anna, de profissão carroceiro, empregado do sr. Erasmo de Oliveira, proprietario de carroças no Campo Alegre, em companhia de Josepha da Conceição, de côr preta e ainda moça. João Sant'Anna, que é dotado de um temperamento bastante irascivel, de quando em vez tinha rezingas com sua companheira, a quem espancava. Ultimamente estava envolvido com a policia, por factos daquela natureza. Hontem, mais uma vez, teve elle forte altercação com Josepha da Conceição, isto a horas adiantadas da noite. Sem que podesse receber os socorros do visinhos, foi ai infeliz mulher espancada pelo seu algoz, dessa vez de uma maneira barbara. Fez-lhe ferimentos de natureza tal, que a victima atirada ao solo da casa veio a fallecer momentos depois. João, após ter praticado o espancamento, abandonou a casa, certo de que o crime não seria descoberto. Hoje, pela manhã, os visinhos, apprehensivos com a ausencia de Josepha, foram até a casa desta e ali a encontraram morta. Levado o facto ao conhecimento do capitão Antonio Gomes, subdelegado local, este encetou as diligencias, effectuando a prisão do criminoso. O cadaver da desventurada mulher foi transportado para o necroterio publico, ás 10 horas da manhã, afim de ser vistoriado pelos medicos da policia⁴⁸.

No caso de Josepha da Conceição, os espancamentos que sofria acabaram sendo relatados como comuns devido ao temperamento colérico de seu companheiro, como afirma o *Jornal Pequeno* em 1917. Além disto, é impossível saber se houve outra

⁴⁷ FREITAS, Idalina Maria Almeida. *Crimes Passionais em Fortaleza: o cotidiano construído nos processos-crimes nas primeiras décadas do século XX*. 2007, 133 f. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 31.

⁴⁸ JORNAL PEQUENO, 22 out. 1917, p. 3.

motivação que levasse João Sant'Anna a cometer o assassinato de Josepha. A notícia é encerrada com sua prisão e com o corpo de Josepha a ser vistoriado pelos médicos da polícia. O que chama atenção ao caso, ao compará-lo com outros aqui apresentados, é o fato de que não há qualquer tipo de reação da vizinhança quanto ao impedimento de tais práticas. A noção de justo pode aqui ser aplicada, considerando a correção que devia ser dada às mulheres através da força física para colocá-las nos eixos do novo modelo social que ia tomando forma. Contudo, não há qualquer evidência que sinalize para o fato de que Josepha da Conceição estivesse sendo corrigida pelo marido por não saber seu local de pertencimento. Fica visível, no entanto, apenas o comportamento agressivo de João Sant'Anna, onde a violência física utilizada por ele reforça de modo expressivo sua autoridade⁴⁹ sobre a companheira. E os componentes que fazem parte de cada manchete, crônica ou nota acabam realizando papéis previsíveis dentro das relações de gênero construídas na primeira década do século XX. A isto, é possível dizer que gênero aqui aplicado (...) é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado⁵⁰. Nos casos relatados, as mulheres são as vítimas e os homens são tomados por um comportamento que deve ser reprimido.

Ao contrário do crime ocorrido em Salgadinho, outras notícias acabaram ganhando grande repercussão nos periódicos. A exemplo disto temos o caso de Iracema Alves Prazim e Maria Amelia de Lyra, onde seus casos foram reportados de modo massivo durante toda a semana posterior ao caso nos principais jornais da cidade. E o primeiro acabou motivando o segundo, pois o assassino de Maria de Lyra utiliza como exemplo o assassinato de Iracema Prazim para dar cabo a vida de sua companheira. Os dois casos ocorreram no centro da cidade do Recife, no distrito de Santo Antonio, sendo o primeiro na Rua 15 de Novembro, atual Rua do Imperador Pedro II, e o segundo no Becco do Calabouço, atual Avenida Guararapes. A narrativa em relação a esses casos específicos se modifica com o passar dos dias e à medida que a notícia é apurada por com outras vítimas e diferentes testemunhas.

No caso de Iracema Alves Prazim, conhecida como Mocinha, seu assassinato ocorreu dentro do Club 9 ½, local frequentado por pessoas de má índole da cidade. Deve

⁴⁹ FAUSTO, *op. cit.*, p. 94.

⁵⁰ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez 1995, p. 88.

ser considerado que naquela época a Rua 15 de Novembro conservava inúmeros boatos de e maledicências, sendo a rua das encenças, das blagues e dos pecados⁵¹. A primeira notícia sobre o caso traz em seu conteúdo uma descrição bem detalhada do acontecimento, fazendo uma dura crítica ao departamento de polícia que, ao que aparentava, fazia pouco caso em relação ao local e seus frequentadores, pois

(...) o *Club 9 ½* é uma destas casas de tavalagem⁵² existentes nesta capital, onde diariamente, á noite, se reúne a classe viciada e perniciosa do Recife, em libações alcoolicas, em scenas de immoralidade e deboche, que aliás, vão consumando, apesar das repetidas reclamações da imprensa. Anunciára-se para ante-hontem, ali, um baile publico. A affluencia de viciados e hectairas foi desusada. Em torno das mesas, num compartimento do club viam-se homens e mulheres, numa perfeita orgia, ao tempo em que na sala, ao som de uma orchestra se dansava no mais completo desregramento. O *Club 9 ½* tem sido, por mais uma vez, centro de desordens e tumultos, não sendo portanto razoavel que funcionem bailes sem uma fiscalisação sevéra da policia⁵³.

Como visto, esse clube era um local a ser reprimido graças ao tipo de gente que o frequentava. Em sua narrativa, o *Jornal do Recife* faz uso de argumentos válidos para que tal estabelecimento funcionasse apenas com a presença policial, onde esta cumpriria o papel de manutenção da ordem. Ainda na primeira notícia do caso, é explicado como e por que o assassino de Iracema Prazim cometeu tal delito. O jornal cria uma espécie de conto em relação ao homicídio de Iracema, onde até mesmo diálogos são incorporados na estrutura textual:

Seriam 2 horas e 30 minutos quando ali chegou Ladislao de Lima, acompanhado de Iracema. Em u'a meza sentou-se em companhia de Iracema fazendo-se servir de cerveja. Emquanto Iracema dansava, Ladislao estava para outro ponto da sala. Terminada a valsa sentou-se ella a u'a meza em companhia do dr. Liberato de Mattos, Eugenio Wanderley, Manoel Alves de Albuquerque, a mulher de nome Angelita e outras pessoas, a palestrar alegremente. A esse tempo já voltava Laláo que a encontrando em companhia destas pessoas a tomar cerveja, disse-lhe: - Não beba a cerveja. Iracema retrucou dizendo: - Eu quero beber; - Não beba, disse asperamente Laláo. Em virtude disto, Iracema abandonou o copo declarando: - Eu vou embora... Ladislao disse então: - Levante-se para apanhar. Iracema ficou surpresa e retrucou - Eu vou embora. Mostrando-se calmo ainda disse Lalao: - Iracema venha cá. Sem prever o que lhe estava para acontecer a infeliz mulher levantou-se e seguiu com destino a escada. Ahi foi que desenrolou a tragedia. Laláo saccando de um punhal investiu contra a indefeza creatura

⁵¹ SOUSA, 2016, p. 45. *apud* SETTE, Mario. *Maxabombas e Maracatus*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1958, p. 257.

⁵² De acordo com o dicionário Aurélio, Tavalagem *sf.* significa 1. Casa de Jogo e/ou 2. Vício de Jogar. MINI AURÉLIO, O minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 663.

⁵³ JORNAL DO RECIFE, *Crime Nefando*. 08 nov. 1915, p. 1.

cravando lhe a arma na região peitoral direita. Com o ferimento caíu ella no primeiro vão da escada. Perpetrado o delicto o criminoso voltou ao salão do club, investindo contra o sr. José Ferreira da Cunha, gerente da casa, ferindo-o. Ao encontro de José Ferreira, veio o seu filho Albino José Ferreira que igualmente foi ferido⁵⁴.

As notícias que sucedem a primeira ao assassinato de Iracema Prazim abordam entrevistas com as demais vítimas e o depoimento de algumas testemunhas que presenciaram o ocorrido. Os autos do processo inicial também foram parar nos jornais, pois dois dias após o ocorrido, Ladislao de Lima diz em seu depoimento que fez parte de um conflito armado, porém não sabia se tinha ferido alguém, já que tinha *perdido a consciência*⁵⁵. Quase um ano após o caso, o Jornal Pequeno traz uma pequena nota relacionada a absolvição de Ladislao, onde a imprensa local ataca o tribunal do júri pela decisão tomada⁵⁶. O assassinato de Iracema Prazim, no entanto, acaba sendo usado como exemplo para o assassinato de Maria Amelia de Lyra.

O crime do Becco do Calabouço, como ficou conhecido, acabou reverberando em mais jornais da capital pernambucana. As motivações, local e horário diferem do homicídio de Iracema. Maria Amelia de Lyra foi vítima dos ciúmes do seu companheiro dentro da casa que residia com a irmã, a meretriz Anna Amelia de Lyra. Neste caso específico, a figura de Maria Amelia de Lyra vai estar ligada à promiscuidade de uma mulher de vida fácil, haja vista a relação quase marital que dividia com seu assassino ao passo que mantinha um relacionamento íntimo com outro indivíduo. Os jornais fizeram uso expressivo desses fatores na matéria inicial, pois isto poderia de algum modo justificar os atos de Virgilio Macedo, algoz de Maria Amelia de Lyra. É importante ressaltar que numa época em que higienistas temiam a degradação familiar, campanhas contra prostitutas foram desenvolvidas ainda em meados do século XIX⁵⁷. Como aponta Magali Engel ao afirmar que a partir de 1870, a Academia de Medicina passava a assumir uma postura mais definida quanto à necessidade de serem tomadas medidas contra a prostituição⁵⁸, haja vista que nos meios acadêmicos da medicina no período citado a prostituição estava associada aos males venéreos⁵⁹. De modo que dar ênfase à condição de mulher de vida fácil poderia manipular a opinião pública sobre os perigos que deviam

⁵⁴ *Id., loc. cit.*

⁵⁵ JORNAL DO RECIFE, *O Crime Nefando*, 10 nov. 1915, p. 1.

⁵⁶ JORNAL PEQUENO, 21 set. 1916, p. 2.

⁵⁷ SOIHET, *op. cit.*, 1989, p. 201.

⁵⁸ ENGEL, *op. cit.*, p. 59.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 64.

ser combatidos, do contrário cenas como as ocorridas no Becco do Calabouço continuariam sendo comuns.

Outra questão que chama atenção ao caso é o uso excessivo de álcool por Virgílio Macedo. Da mesma maneira que se fazia uso de campanha contra prostituição, fazia-se campanha ferrenha contra o consumo de álcool. O discurso das campanhas antialcoólicas era incisivo e identificava o alcoolismo como “flagelo”⁶⁰ a ser combatido. Para este caso específico, os jornais apresentam seus agentes de modo repulsivo, considerando que eles iam contra tudo que se combatia na busca de uma nova sociedade. A forma pejorativa com a qual o caso é relatado fica presente logo no início da narrativa,

No alludido predio mora ha tempos a meretriz Anna Amelia de Lyra, em companhia de quem foi ultimamente residir a sua irmã Maria Amelia de Lyra. Esta, apezar de viver quasi que maritalmente com Virgilio Macedo, typo trocista, e que se dava ao vicio da embriaguez, mantinha relações intimas com Manoel Floriano da Silva (...). Tendo sciencia disso, Virgilio não ficou muito satisfeito, e logo jurou comsigo proprio tirar uma vindicta de Maria ou de Manoel. No dia 28 do mez ultimo, houve uma desintelligencia entre Virgilio e o seu rival, desintelligencia esta que terminou por ser o ultimo bastante espancado pelo primeiro. A victima, após esse esbordoamente que soffreu, creou maior odio a Maria, de cuja casa ausentou-se por alguns dias. (...) hontem, pela manhã, dirigio-se á casa de Maria, no becco acima aludido, batendo á porta, que logo lhe foi aberta, apparecendo-lhe nessa occasião Anna de Lyra. Perguntando por sua irmã Maria, aquella lhe disse que estava no seu quarto. Virgilio, penetrando na casa, foi até alli, onde a mesma se achava, já vestida e, depois de acalorada discussão com ella, ferio-a, vibrando-lhe uma punhalada na região mamaria esquerda, que lhe produzio a morte minutos após⁶¹.

Posteriormente ao assassinato, as notícias se limitaram a possível insanidade do autor do crime para a ação cometida. A questão, como aponta o jornal A Província é que o exame de sanidade que acaba de ser solicitado da polícia em favor de Virgílio Macedo, o assassínio da infeliz Maria Amelia de Lyra, tem por fim eximi-lo da punição do crime que praticou⁶². Contudo,

Esse criminoso jamais manifestou desequilibrio mental, entregando-se todos os dias a negocios commerciaes, os quaes dependem de calma e reflexão o que um alienado não tem. Ante-hontem Virgilio Macedo não bebeu, conforme apurou a policia de Santo Antonio, tendo, portanto, commettido o delicto em seu estado normal, havendo até premeditado, pois que, pela manhã, *já o havia procurado e jurado de assassinal-a,*

⁶⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu Lar é o Botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 29.

⁶¹ A PROVÍNCIA, *No becco do Calabouço*, 06 out. 1917, p. 1.

⁶² A PROVÍNCIA, *O Crime do Becco do Calabouço*, 07 out. 1917, p. 1.

*mais cedo ou mais tarde, tal qual aconteceu a desventurada Iracema Prazim*⁶³.

O caso do Becco do Calabouço finda em uma nota publicada pelo Jornal do Recife dois anos depois, onde é anexada uma nota à fotografia de Virgílio Macedo, que faleceu na Casa de Detenção de sífilis hepática⁶⁴.

Os casos discutidos apresentam semelhanças entre eles, seja no material utilizado para vitimar as mulheres, seja na motivação – ou falta dela. A ação do crime é o ápice da trama de acontecimentos⁶⁵, onde nos dois últimos casos vemos que um dos fatores determinantes é o ciúme do homem em relação a companheira. Ocorridos em diferentes circunstâncias, mas também apresentando pontos em comum, podem-se perceber experiências de conflitos e desfechos com cenas passionais de violência⁶⁶. Contudo, a forma como a imprensa dá visibilidade a alguns casos em relação a outros é palpável. Enquanto os casos de Iracema Prazim e Maria de Lyra se tornaram manchetes durante toda a semana após o caso, Josepha da Conceição teve apenas uma nota vinculada em seu nome. Uma possibilidade de os três casos terem diferenças tão gritantes, talvez, seja porque os assassinatos do 9 ½ e do Becco do Calabouço tenham ocorrido na área central do Recife, envolveu outras pessoas além das vítimas e pelo fato de uma delas ter sido uma mulher branca⁶⁷, ao contrário de Josepha da Conceição.

No caso de Josepha, talvez a falta de autoridade que seu marido tivesse em rua fosse um dos fatores que o levava a espancá-la constantemente. Já em relação à Iracema Prazim e Maria de Lyra, vemos que a razão para as ocorrências tem relação direta com ao comportamento “condenável” das vítimas.

No caso da cidade do Recife, que estava em busca constante de uma sociedade moderna e civilizada, era preciso, antes, entender que o significado de civilização não significava simplesmente o progresso material, mas a inibição dos impulsos violentos e egoístas através de hábitos de moderação [que são] indispensáveis à manutenção da

⁶³ *Id, loc. cit.* Grifo nosso.

⁶⁴ JORNAL DO RECIFE, *Falleceu na Detenção*, 09 mai. 1919, p. 2.

⁶⁵ FREITAS, *op. cit.*, p. 35.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 47.

⁶⁷ Não há qualquer menção à cor de Iracema Prazim ou Ladislao de Lima nas notícias que giraram em torno ao crime ocorrido no Club 9 ½, em relação ao crime do Becco do Calabouço, na primeira notícia já é noticiada a cor da vítima. Decidimos ocultar essa informação do corpo do texto para melhor encaixar a motivação do crime.

ordem pública⁶⁸. Para isto, os periódicos que circularam na cidade foram indispensáveis para difusão de novos hábitos, uma vez que eles cumprem com a nobre função de informar ao leitor o que se passou, respeitando rigorosamente a “verdade dos fatos”⁶⁹, mas eles foram ainda mais essenciais na delação de comportamentos inaceitáveis para esta cidade tão sedenta pelo novo, mas com um apego profundo ao velho.

Considerações Finais

A violência contra mulher não é um fenômeno recente na história do Brasil ou de Pernambuco. Ela está tão arraigada em nosso meio que ainda procuram maneiras para justificá-la. Procura-se minimizar as ações cometidas pelos autores e culpabilizar a vítima por suas agressões. A mulher é vista como culpada mesmo hoje. E a violência contra a mesma é um fato que perpassa as classes sociais, não se restringindo a um local específico. Em relação à Primeira República, entretanto, percebemos que é dada ênfase aos crimes praticados por e contra as camadas inferiores da sociedade. No cenário conturbado da cidade do Recife, as mudanças que favoreciam as mulheres em relação ao uso dos espaços públicos, criava atritos dentro dos seios familiares. E a maneira que as notícias eram descritas atenta para aquilo que devia ser reprimido e condenável para o que devia ser levado em pouca consideração ou mesmo render algumas risadas.

Nos dias atuais, entretanto, tais notícias já não mais se configuram como motivo de piada. A taxa de homicídios de mulheres não para de crescer. Se ainda na Primeira República houvesse sido realizado qualquer tipo de trabalho preventivo em relação aos espancamentos e assassinatos, seria possível dizer que não teríamos que lidar hoje com taxas tão altas como as fornecidas pelo IPEA e pela Secretaria da Mulher de Pernambuco? É impossível determinar isto, contudo, seria possível que houvesse acontecido uma mudança significativa na forma de pensar nas e para as mulheres. O jargão de “briga de marido e mulher ninguém mete a colher” seria relegado ao esquecimento, talvez.

Devido a exiguidade de tempo, o material analisado não caberia em apenas um artigo, pois como foi visto, são diversos os sujeitos envolvidos e as causas são múltiplas. A dita escória social figura essas manchetes porque era muito mais fácil retratá-las como fonte de todos os males sociais a serem excluídos das urbes. As mulheres pobres, negras

⁶⁸ BESSE, 1989, p. 190 *apud*. PEIXOTO, Afrânio. *Crimes Passionaes*, Arquivo Judiciário (Suplemento) 20 (Out. – Dez. 1931), 67, 69; Peixoto, *Medicina Legal*, 24.

⁶⁹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.), *Fontes Históricas*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 138.

e aquelas que se prostituíam foram vistas como agentes causadoras de desordem, e a elas foram necessárias uma vigilância constante e repressão para enquadrá-las nos arquétipos idealizados. E ainda hoje é possível ver que o Estado se utiliza de ações truculentas para conter aqueles que fogem as regras normatizadoras que, apesar de suas constantes mudanças, são pensadas para uma camada social privilegiada e, majoritariamente, branca. Sendo assim, por ser algo ainda muito presente em nosso cotidiano, sólido mediante a quantidade de casos relacionados a violência física e crimes de feminicídios contra mulheres, por que ainda temos dificuldades em sanar um problema que deveria ter permanecido no passado?

Referências

1. Periódicos

A Província, Recife – 1915 e 1917.

Jornal do Recife, Recife – 1915 a 1918.

Jornal Pequeno, Recife – 1915 a 1918.

Correio da Noite, Rio de Janeiro – 1915.

2. Bibliografia

ALBUQUERQUE, Durval Muniz Júnior. *Nordestino: invenção do “falo”*. Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

BESSE, Susan K. Crimes passionais: a campanha contra os assassinatos de mulheres no Brasil: 1910-1940. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, ago/set. 1989, p. 181-197.

BRASIL, *Atlas da Violência 2019*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: 2019.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

ENGEL, Magali Gouveia. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

FREITAS, Idalina Maria Almeida. *Crimes Passionais em Fortaleza: o cotidiano construído nos processos-crimes nas primeiras décadas do século XX*. 2007, 133 f. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo

GALVÃO NETA, Inocência da Silva. *Moças honradas, senhoras virtuosas e mulheres airadas: registro de violência nas relações de gênero na imprensa e nos documentos*

judiciais no Recife nas décadas de 1920 e 1930. 2013. 230 f. Tese de Doutorado – História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

_____. Fragmentos da condição feminina e a lógica jurídica no início da república: Recife (1920-1940). In: *Cadernos do Tempo Presente*, n. 22. Sergipe: UFS. dez.2015/jan.2016. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/5190>. Acesso em 29 de mai de 2019.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Meu lar é o botequim*. Alcoolismo e Masculinidade. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do; LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. Liberdade, Transgressão e Trabalho: O cotidiano das mulheres na cidade do Recife (1870-1914), *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia – MG, n. 1, v. 25. jan/jun. 2012, p. 96-120.

PERNAMBUCO. *Protocolo de Femicídio de Pernambuco*. Diretrizes estaduais para prevenir, investigar, processar e julgar as mortes violentas de mulheres com perspectiva de gênero. Secretaria da Mulher de Pernambuco, Recife, 2018.

RAGO, Luiza Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 1990. 2v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.

REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. 1ª ed. Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. *O Recife: histórias de uma cidade*. Fundação de Cultura da Cidade do Recife – FCCR, 2005. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/historia>

SAFFIOTI, Heleieth I. Bongiovani. *Gênero, patriarcado e violência*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo. 2015.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência*. Mulheres Pobres e Ordem Urbana 1890-1920. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary. (org). *História das mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 307-308.

SOUZA, Sandra Izabele de. *Namoros indecentes: relações de gênero e as histórias de sedução na cidade do Recife (1890-1914)*. 2016. 150 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

Normas de publicação da **Revista Cantareira** – UFF

A Revista CANTAREIRA aceitará trabalhos de História e áreas afins sob a forma de artigos, resenhas de livros e transcrição de fontes comentadas. Somente serão aceitos trabalhos oriundos de pesquisas originais e que sigam o seguinte padrão:

- 1 – Os textos deverão apresentar-se em *MS Word* para *Windows*, formato doc e deverão ser enviados para o endereço revistacantareirauff@gmail.com;
- 2 – Quanto à formatação: letra *Times New Roman* tamanho 12, alinhamento justificado, espaço 1,5 entre linhas e página A4, com margens de 2,5 cm;
- 3 – Os textos deverão ser redigidos somente em português;
- 4 – Título em fonte 12, na primeira linha, centralizado, em negrito;
- 5 – Os subtítulos e subdivisões devem vir apenas em negrito, não numerados, com recuo de parágrafo, com letra *Times New Roman* corpo 12;
- 6 – A identificação do(s) autor(es) deverá vir na segunda linha após o título, alinhado à direita, com letras maiúsculas apenas nas iniciais e, em nota de rodapé, sua titulação acadêmica, filiação institucional e e-mail. Artigos em coautoria devem respeitar o número máximo de três autores (Regimento aprovado em dez. 2017);
- 7 – Citações com mais de três linhas: 4 cm na margem esquerda, fonte 11, espaçamento simples, sem espaço entre os parágrafos e sem aspas. As citações com menos de três linhas deverão ser incorporadas aos parágrafos;
- 8 – O texto não deve apresentar bibliografia final, portanto, as notas bibliográficas com citações completas deverão constar no rodapé. As notas de rodapé devem ser numeradas e estar de acordo com normas ABNT (fonte 10, alinhamento justificado, espaçamento simples), completas na primeira citação, conforme exemplos abaixo: Para livro: a) nome do autor, b) título do livro, c) local de publicação, d) editora, e) ano, f) número da(s) página(s). Ex: FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 15; Para artigo: a) nome do autor, b) título do artigo, c) nome do periódico (em itálico), d) volume e/ou número do periódico, e) local de publicação, f) ano, g) número da(s) página(s). Ex: SOIHET, Rachel. O drama na conquista na festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural, *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n.º 9, 1992, p. 44-59;

9 – Os textos podem ser acompanhados de imagens (reduzidas ao mínimo), em formato JPG e com resolução de 300 dpi, enviadas em arquivos separados do texto. As imagens e tabelas devem ter seus títulos incorporados, com menção de suas fontes e referências;

10 – É de obrigação dos autores a revisão gramatical e a adequação das contribuições às normas para publicação da revista;

11 – Caberá aos autores a responsabilidade sobre a originalidade do material apresentado para publicação;

12 – Uma vez publicados os trabalhos, a Revista CANTAREIRA se reserva todos os direitos autorais, permitindo, entretanto, a sua posterior reprodução, com a devida citação da fonte. O autor cujo trabalho foi aprovado para publicação deverá aguardar 12 (DOZE) meses, a partir da data do aceite final, para realizar nova submissão. Não é permitida a avaliação simultânea de mais de um artigo por autor;

13 – Na mensagem eletrônica deverá constar o nome, telefone para contato, titulação, vínculo institucional e e-mail do autor;

14 – Veda-se ao membro do Comitê Editorial da Revista Cantareira a publicação de trabalhos no periódico durante a gestão em que participa e em até uma edição após a sua saída.

Para artigos: - Os artigos devem ter de 10 até de 16 laudas. Todo artigo deverá estar acompanhado de um resumo e três palavras-chave em português e inglês. O resumo em português deve vir três linhas abaixo do nome do autor com alinhamento justificado, com 10 linhas no máximo e espaçamento simples, seguido de três palavras-chave. Uma linha após, deve vir o abstract e keywords.

Para resenhas: - As resenhas devem ter no máximo 5 laudas e de uma obra publicada nos últimos três anos. Não é necessário o envio de resumos. A estrutura da resenha será: - Título da resenha; - Referência completa da obra analisada logo após o título; - Identificação do autor; - Texto.

Para transcrições comentadas: - As transcrições deverão ser precedidas de um comentário de, no máximo, seis laudas; - As transcrições seguirão a estruturação do documento transcrito, assemelhando-se ao original em sua disposição e estruturação; - A divisão paragrafada, das linhas e paginação deverá ser indicada por uma barra. Ex: “Aos dous dias do mes de Maio do / Anno de Nosso Senhor Jes- / us Christo de mil sete- / centos e noventa e tres [...]”; - As páginas devem ser indicadas, no corpo da transcrição, entre colchetes e itálico. Ex: “[...] nesta Leal Cidade Mariana / [fls. 1 v] / em o meu cartorio foi vindo [...]”; - Nas transcrições documentais deverá constar um título em português (atribuído pelo transcritor, e não o da fonte transcrita) e três palavras-chave em português e uma língua estrangeira (inglês ou francês), separadas por vírgula; - Para terminologias não precisas e lacunares nos documentos, o transcritor deverá indicar a palavra ilegível entre colchetes [ilegível]. Diante da possibilidade de observar parte desta palavra e inferir sobre a mesma, poder-se-á grafá-la entre colchetes [];